

Missão externa Fraga acalma investidores e busca apoio do secretário do Tesouro americano

Governo estuda acordo com FMI

Cristiano Romero*
De Washington

O governo brasileiro está analisando a possibilidade de negociar um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para acalmar os mercados durante a transição do atual para o próximo governo. A decisão de ir ao Fundo só não foi tomada ainda porque depende do apoio dos quatro candidatos com chances de vencer a corrida presidencial deste ano.

Ontem, um graduado assessor do governo assegurou ao **Valor** que o Brasil ainda não iniciou uma negociação com o Fundo em torno do assunto. Garantiu também que ainda não houve uma consulta formal às diretorias executiva e técnica do FMI, mas deixou claro que essa possibilidade está sendo considerada.

No Fundo, um assessor lembrou que essa possibilidade já foi admitida pelo próprio ministro da Fazenda, Pedro Malan. O governo só irá pedir nova ajuda à instituição se os candidatos se comprometerem com



Fraga: "Estamos tentando explicar onde estamos e quais são as escolhas"

com metas fiscais e outras medidas, a serem definidas nas negociações.

Uma fonte do FMI informou que a instituição "precisa crer" que os candidatos cumprirão as metas acertadas. O governo está tentando criar uma maneira de, primeiro, obter o apoio dos candidatos e, segundo,

uma garantia real de que o compromisso será para valer.

A caminho de uma palestra para investidores ontem na sede do Federal Reserve (Fed) de Nova York, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse que os seus ouvintes naquele momento queriam "saber o

que está acontecendo no Brasil". Sobre o que iria dizer a eles, Fraga avaliou que em sua opinião os mercados "estão exagerando no risco" que atribuem ao Brasil.

"Os prêmios de risco estão muito altos. Estamos tentando explicar às pessoas onde estamos e quais são nossas escolhas. E acho que a conclusão que se segue a isso é que as escolhas quanto para onde o Brasil deve ir são muito convincentes na minha cabeça. Transparência, responsabilidade fiscal e baixa inflação", destacou Armínio.

O presidente do BC mencionou que entre os convidados com quem ele iria conversar estavam o vice-presidente executivo para mercados emergentes e assuntos internacionais do Fed, Terrence Checki, e representantes dos bancos Citigroup, JP Morgan e outras instituições. "É uma oportunidade para ouvir o que as pessoas estão pensando, diretamente dos diretores", apontou Fraga.

Fraga está hoje em Washington, onde terá reuniões com o presidente do Fed, Alan Greenspan; com o dire-

tor-gerente do FMI, Horst Köhler; e com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Paul O'Neill. Sobre este último encontro, a porta-voz do Tesouro americano, Michele Davis, adiantou ontem que "será mais uma chance para continuar as discussões em andamento". Davis deixou claro que os dois têm mantido conversas há algum tempo: "Eles (Fraga e O'Neill) mantém contato. Esta será mais uma oportunidade".

Embora não seja declarado explicitamente o assunto das "discussões em andamento" entre Fraga e O'Neill, é certo que o apoio do secretário americano seria fundamental para a aprovação de qualquer novo pacote de ajuda financeira que o Brasil venha a pleitear junto ao FMI, onde os EUA são o membro mais influente nas decisões da entidade.

Amanhã o presidente do BC retorna a Nova York e volta a falar a investidores, em evento promovido pela Câmara de Comércio Brasileiro-Americana, na sede do Credit Suisse First Boston. (*Com Reuters)